

PALOMA REZENDE DE OLIVEIRA¹

Introdução

Este artigo buscou apresentar o projeto educativo da Escola Normal do Ginásio Leopoldinense, criada em 1906, no município de Leopoldina/MG, situado ao leste da Zona da Mata mineira. Este estabelecimento de ensino leigo e particular foi idealizado por José Monteiro Ribeiro Junqueira² e seu irmão Custódio Junqueira, configurando-se como um exemplo de estabelecimento de ensino criado para conformar-se aos projetos políticos das oligarquias locais.

Este estabelecimento de ensino destacou-se das outras 13 instituições escolares criadas entre 1896 a 1926, no município, por oferecer um ensino abrangente: primário, secundário, normal, superior em Odontologia e Farmácia, agrícola e comercial.

Foram investigadas as notícias sobre a rotina escolar deste estabelecimento de ensino particular, correspondentes ao período de 1906 a 1926, do Jornal Gazeta de Leopoldina, também dirigido por José Monteiro Ribeiro Junqueira. Este recorte corresponde ao ano de criação da instituição até o ano em que ela foi municipalizada.

O foco da investigação foi o projeto educativo da Escola Normal, no que possa revelar dados sobre a infraestrutura, os alunos, o programa de ensino, os professores e diretores deste estabelecimento de ensino. Estes elementos ofereceram indícios para este estudo, expressando, para além da história desta instituição escolar, os elementos que caracterizam sua cultura material e as políticas educacionais que deram forma ao seu processo de escolarização.

¹ Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação da PUC- Rio. Projeto financiado pelo CNPq.

² José Monteiro Ribeiro Junqueira (1871-1946) foi um dos líderes políticos da Zona da Mata, durante a primeira metade do século XX. Elegeu-se deputado estadual pelo Sul de Minas, tendo sido reeleito, em 1898, pela Zona da Mata Mineira. Foi eleito agente executivo de Leopoldina, em 1903 e, nesse mesmo ano, elegeu-se deputado por Minas Gerais, tendo exercido o cargo até 1930, pelo Partido Republicano Mineiro. Destacou-se ainda pela participação no Convênio de Taubaté, em 1906, no estabelecimento da Companhia Força e Luz Cataguases Leopoldina (CFLCL), e ainda da criação da ferrovia Leopoldina Railway e pela fundação, em 1912, do Banco Ribeiro Junqueira. (BIRCHAL, 1998)

Neste sentido, a análise tomou como base a abordagem de Justino Magalhães sobre a história das instituições escolares. Ao considerar as contribuições da cultura escolar para a análise da história do Ginásio Leopoldinense, a investigação buscou não opor a perspectiva da história da escola relacional à abordagem interna e objectual, como sugerido por Magalhães (2004). Enquanto a primeira busca investigar o conceito e significado da escola, como representação simbólica e como lugar, a segunda pretende construir a escola como objeto historiográfico específico e está estruturada em categorias, como por exemplo: o espaço, o currículo, os manuais escolares, professores, públicos e dimensões didático-pedagógicas.

A diferenciação feita por Magalhães (2004) entre estes dois paradigmas é acompanhada da necessidade de reuni-los durante o processo de investigação, uma vez que os processos de escolarização correspondem à relação entre a construção da instituição educativa, “no nível sistêmico”, e as instituições educativas, “portadoras de culturas simbólicas e materiais, abertas às especificidades e circunstâncias locais, ajustando-se ao público e às políticas, e com a inclusão das práticas, expectativas, apropriações e representações dos agentes e dos sujeitos”. (Magalhães, 2004, p.123)

Magalhães (2004) considerou que a influência de uma instituição escolar, por sua vez, ultrapassa seus muros e difere-se no tempo, seja por suas mudanças materiais, representações ou referências e memórias de grupos ou indivíduos distintos. Desse modo, a instituição escolar é vista na sua internalidade e na sua representatividade, visando à construção de sua identidade institucional. Sua análise abarca, portanto, três dimensões: “unidade, multidimensionalidade e multifatorialidade”:

Tal quadro compreende o contexto histórico, geográfico e a materialidade que, para além do modo de produção e de funcionamento, inclui toda a realidade processual e material, enquanto a ação corresponde à objetivação relacional seja nos planos didático e pedagógico, seja nos planos social e grupal, traduzindo-se na representação, que, em outros aspectos, também visa à inscrição/avaliação dos papéis e dos graus de empenho dos agentes. (...) (Magalhães, 2005, p.100)

A história da escola é, portanto, a história dos instrumentos de medida do seu produto educacional, e, ao mesmo tempo, a história de suas relações sociais ou individuais, bem como dos seus ritos, gerando também a cultura profissional docente, que tem a ver com as tecnologias de (in) formação. (Magalhães, 2005)

Antecedentes da criação da Escola Normal do Ginásio Leopoldinense

No momento que antecedeu a criação da Escola Normal do Ginásio Leopoldinense, o Jornal Gazeta de Leopoldina apresentou várias críticas ao governo do estado em relação à falta de manutenção das escolas estaduais presentes no município de Leopoldina. Tal depreciação serviria, não apenas para denunciar o descaso do poder público estadual retirando a responsabilidade da municipalidade, como também para justificar e valorizar a iniciativa de criação do Ginásio Leopoldinense, pelo diretor do Jornal, em 1906, como demonstrado no discurso de José Botelho Reis, que, em 1910, assumiu a direção da instituição:

A fundação do Ginásio Leopoldinense marca na história de Leopoldina o início brilhantíssimo de uma nova e fecunda época, que jamais será olvida pelo povo desta parte rica e florescente do Estado de Minas Gerais. Na estagnação dolorosa em que debatia Leopoldina, há sete anos passados, surgiram, como uma consoladora esperança, os vultos eminentes e altamente queridos dos Drs. José Monteiro Ribeiro Junqueira e Custódio Junqueira, possuidores de energia inquebrável, de uma vontade indomável, e levantaram, com assombro, dos cépticos e descrentes, a ideia da criação de um estabelecimento que fosse viveiro de homens dignos e superiormente instruídos. Foi uma passada agigantada, um empreendimento que parecia acima dos recursos existentes nesta cidade simples e modesta e que tendia a abismar numa decadência próxima e inevitável. Ao ser lançada tão patriótica quão humanitária ideia, houve o espanto de alguns, que já a julgavam perdida ou irrealizável e previam a sua ruína na asfixia de materialidade brutal, que às vezes costuma levar de vencida, esmagando os ideais mais puros e elevantados. (...) (Apud NOGUEIRA, 2011, p.73)

Em 19 de fevereiro de 1906, José Monteiro Ribeiro Junqueira recebeu a escritura do sobrado onde funcionava a antiga farmácia central, do capitão Antônio José Alves Ramos, adquirida para a instalação do Ginásio Leopoldinense. Iniciaram-se as reformas e adaptações necessárias ao funcionamento da escola, quando então foi constituída uma sociedade civil com o patrimônio inicial de 50 contos, e, em 26 de novembro do mesmo ano, a instituição passou pela inspeção do delegado fiscal Dr. José Tavares de Lacerda, atendendo às condições do decreto n. 3.491, de 11 de novembro de 1899, que estabelecia a equiparação de instituições de ensino secundário ao Ginásio Nacional. (Kuleska, 2011; Almanack do Arrebol, 1986)

O sobrado destinado às aulas do curso Normal, anexo ao Ginásio Leopoldinense, era composto por 5 salas de aula, mobília em sistema americano,



gabinete de física, química e história natural, com espécies de fauna preparados e doados pelo Tenente Francisco Pimenta de Oliveira. Estes espaços seriam detalhadamente descritos no relatório do inspetor técnico de ensino, Estevam de Oliveira, publicado no Jornal Gazeta de Leopoldina, em 1907:

Dispõe das seguintes salas: a em que se dão as lições do primeiro ano com a capacidade de 7m 20 x 5 (em duas paredes frontais dessa sala se veem duas faixas negras, para lições comuns e as de música), uma sala de costuras, com 7,m 75 x 4, outra na entrada do edifício, com 11,m 45 x 4,m 85, outra igualmente cingida por uma faixa negra com 4,m 85 x 7,m 68, finalmente uma outra sala com 11,m 65 x 4,80. Nessa última encontra-se pequeno museu de história natural, um bom gabinete para estudo prático de física e um laboratório químico. A sala do 1º ano é provida de cadeiras singulares, com encosto e uma peça movediça ao lado, para tomadas de notas. Excelentes instalações sanitárias. Há também lavabos em quase todas as salas. Uma grande varanda serve de comunicação independente para todas as salas escolares. (Gazeta de Leopoldina, 22 de maio, 1907, p.2, c.1)

Esta instituição, ao passo que atraía para Leopoldina estudantes de diversas regiões do estado e também do Rio de Janeiro, também provocava certo desenvolvimento neste município. É o que demonstrou a notícia intitulada Rabiscos, de 1911, sobre a Escola Normal e o curso secundário do Ginásio: “A urbe rejuvenesceu como por encanto, e com o aumento constante da população escolar, tornou-se o que hoje está, uma cidade movimentada e admirada pelos forasteiros que a visitam.” E ainda:

Leopoldina progride a olhos vistos. (...) Este ano, por exemplo, sabemos que o número de matrículas excedeu em muito as expectativas dos ilustres diretores da Escola Normal e do Ginásio. Talvez mais de cem alunos novos conta estes dois estabelecimentos. Daí o progredir da cidade que se evidencia pelo aumento de sua população, que não pode prescindir de novas construções, por haver falta absoluta de casas para alugar, o que já tem impedido diversas famílias de se mudarem para aqui. (...) Hoje só no centro da urbe, na rua da Estação, contamos três (alfaiatarias), todas com bastante serviço, tendo uma delas onze oficiais e o seu proprietário anda em busca de mais. As padarias, cujos números tem aumentado, desmancham hoje maior quantidade de farinha que entra atualmente na cidade, há de pascar. Evidencia-se (...) a frequência com que vai tendo o Bar Leopoldinense, montado pelo tenente Pimenta, com o bom gosto que lhe é característico. Antigamente só tínhamos a casa do nosso bom e tradicional Nicolau, (...) (que) se queixava da falta de freguesia. (...) (Gazeta de Leopoldina, 26 de março de 1911, n.95, p.1, c.6)

A Escola Normal também viabilizava a criação de pensões na cidade, visto que seu ensino era exclusivamente no regime de externato e muitas alunas vinham de

outras regiões. Em 1911, por exemplo, o pensionato Maria Terra, dirigido por Maria Dutra Terra, publicou uma propaganda disponibilizando vagas para moças, alunas da escola normal ou do Ginásio Leopoldinense, no valor de 360\$000, referente aos 9 meses, que correspondiam a um ano letivo. (Gazeta de Leopoldina, 07 de dezembro de 1911, n.200, p.2)

A Escola Normal do Ginásio Leopoldinense

O curso normal oferecido pelo Ginásio Leopoldinense foi criado em 06 de setembro de 1906. Porém, em 30 de dezembro de 1906, foi publicado o comunicado de que não seria aberto o curso naquele ano, pois, apesar das matrículas terem sido abertas em 01 de dezembro, havia falta de número suficiente de alunos para que a instituição fosse mantida pelo Estado, conforme o art. 199, do decreto n.1960, de 1906. As inscrições seriam guardadas para criação de um curso preparatório para ingresso no Curso Normal, no ano seguinte, quando foram então realizados os primeiros exames de suficiência. (Gazeta de Leopoldina, 30 de dezembro de 1906, n.36, p. 2; Almanack do Arrebol, 1986)

Em 06 de janeiro de 1907, foram iniciadas as aulas provisórias de português, aritmética e desenho linear, gratuitas para os candidatos à matrícula na Escola Normal. A aula de português seria regida pelo professor Jacques Maciel, a de aritmética, pelo professor Achilles, e a de desenho linear, pelo professor Pimenta Bueno, sendo lecionadas entre 10 e 12h, sendo destinada uma hora para cada matéria. Estas aulas provisórias contavam em 24 de janeiro do mesmo ano, com 35 alunas matriculadas e em 31 de janeiro, o Curso Normal já possuía 49 matrículas. (Gazeta de Leopoldina, n.37, p.1, c. 2; n.42, p.1, c. 2, 4 e 6)

Os cursos secundário e normal seriam inaugurados em 21 de fevereiro de 1907,³ sendo esta data marcada por solenidades, que ocorreram ao longo do dia e que foram noticiadas pelo Jornal Gazeta de Leopoldina, do dia 24 de fevereiro de 1907, descritas de forma resumida a seguir:

A inauguração foi marcada por uma missa que contou com a presença do corpo docente do curso normal e ginásial e um desfile dos alunos do ginásio, com

³ A Escola Normal contava também com vagas para alunas pobres, reivindicadas pelas Bases da Sociedade Educadora Leopoldinense, a qual tinha por fim auxiliar a educação das moças pobres no magistério.



uniforme militar e das alunas do normal com veste azul e encarnado. À tarde reuniram-se no salão do Ginásio, docentes, discentes, os diretores gerais, Ribeiro Junqueira e Custodio Junqueira, e Henrique Cruz, diretor técnico. A abertura da solenidade foi realizada por Custodio Junqueira, seguido do discurso do professor Pimenta Bueno sobre os professores. Em seguida, foi executado um *Harmonium* de Affonso de Albuquerque e cantaram-se os hinos escolares. O encerramento foi feito com um pronunciamento de Ribeiro Junqueira, que, naquele ano, havia sido pela segunda vez, agente executivo em Leopoldina, e que afirmou ter sido a iniciativa do curso normal do Ginásio Leopoldinense uma resposta à reivindicação das moças do município, junto ao poder local. Fez ainda referência às agitações sociais e à aspiração geral a esse tipo de instituição. Após o discurso, Pimenta Bueno recitou um soneto. Apresentaram-se como oradores o professor Matolla, que falou em nome das alunas da escola Normal, e o Dr. Heitor de Souza, deputado, que discursou em nome do povo de Leopoldina. Jacques Dias Maciel, então promotor de justiça e vice-consul de Portugal, falou em nome da colônia portuguesa, que apoiava a iniciativa de criação do curso Normal.⁴ Seu discurso fazia apologia à influência das mulheres na direção dos destinos sociais. O encerramento ficou a cargo de Ribeiro Junqueira. Após seu pronunciamento, ocorreu um baile no salão do Ginásio Leopoldinense. (Gazeta de Leopoldina, 24 de fevereiro de 1907)

A descrição das solenidades de inauguração da Escola Normal, bem como de sua estrutura física, realizada através do Jornal Gazeta de Leopoldina, na verdade, era uma forma de cumprir as normas exigidas pelo Governo, no decreto n.1960 de 16 dezembro de 1906, título III, capítulo III, § 12 ao 16, o qual previa que as Escolas Normais deveriam: Propagar o espírito de associação; Comemorar a inauguração destas instituições, com participação da família e autoridades; Remeter ao governo plantas, fotografias, descrições e material de ensino; Fiscalizar o cumprimento da legislação; Publicar o relatório sintético enviado ao Secretário do Interior pela instituição, conteúdo: descrição do itinerário percorrido pelo fiscal, a descrição dos prédios; conceitos das famílias sobre os professores da instituição. (Gazeta de Leopoldina, Leis do Estado. Fevereiro de 1907, p. 2, c. 4 e 5).

⁴ A presença do vice-consul de Portugal ao evento, resultaria em um convite para lecionar no Ginásio Leopoldinense, e, posteriormente, exercer o cargo de diretor técnico deste estabelecimento de ensino, em 1908.

Enquanto instituição equiparada à escola Normal oficial do Estado de Minas Gerais, em 06 de setembro de 1906, pelo decreto n.1942, do então presidente do estado de Minas Gerais, Dr. Francisco Salles, a Escola Normal do Ginásio Leopoldinense cumpria bem estas exigências, através do Jornal Gazeta de Leopoldina

Neste sentido, o relatório detalhado do inspetor técnico de ensino, Estevam de Oliveira, trouxe aspectos relevantes sobre o programa e práticas de ensino e os professores da Escola Normal do Ginásio Leopoldinense:

(...) Funcionam, por enquanto, o primeiro e o terceiro ano. Ascende a 51 o n. de matrículas total. 49 estão matriculadas no 1º ano e 2 no 3º. Corpo docente: professor de português: Dr. Jacques Dias Maciel; Aritmética: Afonso H. de Albuquerque; Desenho: Heraldo Pio Pimenta Bueno; História natural, física e química: Custodio Ribeiro Junqueira; escrituração mercantil: Juvenal Carneiro; costura e trabalhos de agulha: Ernestina Ribeiro; Geografia: José Botelho Reis; música: coronel Affonso de Albuquerque. Não está definitivamente provida a cadeira de francês, por não estar funcionando o 2º ano. Divide-se a lição em dois turnos: de 8 às 9 da manhã e de 10 às 11 para português e aritmética, as lições do 3º ano são dadas à tarde de 2 às 3. No dia 18 do corrente (de maio) assisti à lição de aritmética, de 8 às 9 h da manhã; a de português de 10 às 11 horas. Daí, fui assistir aos trabalhos da escola masculina do professor Castanheira. No dia imediato, assisti a lição do 3º ano, estando presente apenas 1 aluna, tendo a outra faltado por moléstia. Às lições do 1º ano, estiveram presentes 45 alunas. Neste instituto está o ensino sendo ministrado de acordo com o Regulamento e com o programa adotado da Escola Normal de Belo Horizonte. Em minha passagem por Rio Pardo, pretendo ali voltar de novo, para formar opinião mais segura a respeito deste instituto. ⁵ (Gazeta de Leopoldina, 22 de maio, 1907, p.2, c.1)

A fim de propagar o espírito de associação, preconizado no decreto n.1960, à inauguração das aulas da Escola Normal, precedeu a criação, em 17 de janeiro, da Sociedade Educadora Leopoldinense, destinada a auxiliar a educação de moças pobres, residentes na cidade e que se destinassem ao magistério. Esta associação filantrópica tinha como bases:

- 1º - Que a matriculanda concorra com dois terços, um terço ou metade da taxa de matrícula, entrando os signatários com o resto;
- 2º - que os auxílios sejam conferidos de maneira que se beneficie sempre o maior número, observada a maior equidade;
- 3º - que em igualdade de condições, na parte pecuniária, decida a preferência:
I – a qualidade de filha órfã de algum professor com mais de 10 anos de exercício;
II – a qualidade de órfã de pai ou filha de pai inválido;
- 4º - a prestação da matrícula pode ser feita por cotas mensais;

⁵ Nova visita à Escola Normal pelo inspetor ocorre em 23 de junho de 1907, dia em que inicia as férias de São João, no Ginásio Leopoldinense. (Gazeta de Leopoldina, n.19, p.1, c.4 e 5)

5º - o número de matrículas será regulado de maneira que reste ao fundo da Caixa um terço das contribuições mensais;

6º - a contribuição mensal mínima é de 5\$000;

7º - a obrigação do signatário durará um ano não se podendo demitir dentro desse prazo sem depositar toda a quantia correspondente a ele, porque se obrigou;

8º - para conceder auxílio é preciso intervir o pedido da pretendente por meio de requerimento e por intermédio de algum dos sócios.

(Gazeta de Leopoldina, 24 de janeiro de 1907, n.42, p.1, c.4)

Aos dez primeiros dias de funcionamento desta sociedade, presidida por Jacques Dias Maciel, professor do Ginásio Leopoldinense, eleito pelos seus colaboradores, a mesma já contava com 31 sócios e 13 pedidos de auxílios estatuídos, sendo 12 deferidos e apenas um deixado para decisão posterior. As aulas do Curso Normal tiveram início em 18 de março, com a matrícula de 54 alunas, sendo, portanto, 12 delas auxiliadas pela Sociedade Educadora. Em 1908, seria eleito novo presidente da sociedade, o capitão João Teixeira de Moura Guimarães. (Gazeta de Leopoldina, 17 de março de 1907, p.1, c.2; 30 de janeiro de 1908, n.82, p.1, c.3; (27 de janeiro de 1907, n.43, p. 1, c. 4)

Também a frequência dos alunos das instituições equiparadas era controlada através de publicação das faltas no Jornal Gazeta de Leopoldina. Para a Escola Normal, as faltas não poderiam exceder o número de 40 justificadas ou 20 sem justificativa, incorrendo em baixa na matrícula, sendo necessário ao aluno se submeter a um novo exame de admissão. Além disso, ao final de cada ano letivo, a Congregação do Ginásio Leopoldinense se reunia para tratar, dentre outros assuntos, da promoção das alunas da Escola Normal, organização das bancas examinadoras e da premiação do aluno de ensino secundário que mais se destacasse pelo seu bom comportamento, aplicação e aproveitamento, com o prêmio Manoel Lobato, um livro. No caso da Escola Normal, além dos exames, era realizada a exposição de trabalhos das alunas, ao final de cada ano letivo, que consistia em artesanatos e trabalhos de agulha. (Gazeta de Leopoldina. 02 de dezembro de 1906, n.32, p.2, c.2 e 24 de novembro de 1907, n.63, p.2, c. 1 e 2, e 28 de novembro de 1907, n.64, p.1, c. 1 e 2; 11 de novembro de 1911, n.178, p.1, c.3)

O ingresso na instituição se dava por meio de convocação dos alunos para matrícula no Curso Normal, que ocorria durante todo o mês de dezembro. Já a convocação dos interessados a realizar exames de suficiência para ingresso no 1º ano do curso deveriam realizar as matrículas no início do ano letivo seguinte. Os candidatos à



matrícula deveriam apresentar requerimento contendo seu nome, nome do pai ou responsável, idade, residência ou naturalidade. A este requerimento deveriam se juntar outros documentos contendo cada um deles a estampilha do Estado no valor de 400 reis: Certidão de idade que comprove ser maior de 14 anos; Atestado médico provando não sofrer de moléstia contagiosa; e taxa de 10\$000, para os alunos que desejassem integrar o curso a partir do 1º ano. (Gazeta de Leopoldina. Curso Normal. 02 de fevereiro de 1911, n.83, p.2, c.4)

A Escola Normal funcionou em regime de externato, no prédio anexo ao Ginásio Leopoldinense, até 1922, quando foi inaugurado o Colégio Imaculada Conceição. Apesar de assumida por uma congregação religiosa, permaneceu sob a direção de José Botelho Reis, até 1926, ano de sua morte.

Programa de ensino

O Programa de Ensino trazia de forma detalhada todos os conteúdos que seriam trabalhados pelos professores das cadeiras e explicações de como seriam as aulas práticas nas Escolas Normais. ⁶ A prática profissional da cadeira de aritmética e geometria, assim como a cadeira de português, deveria ser desenvolvida nos grupos ou escolas isoladas seguindo o programa primário. A primeira lição de cada ponto seria dada pelo próprio professor com assistência da turma de suas alunas, as quais reproduziriam nos dias subsequentes a aula dada pelo professor. As aulas práticas se davam exclusivamente pela reprodução do que era ensinado pelo professor e pela transmissão das matérias aos alunos do ensino primário do Grupo escolar ⁷, sendo o professor a figura central desse processo. Além das aulas práticas, as alunas da Escola Normal e demais professores de ensino primário, que ainda não tivessem aplicado o novo processo de ensinar a ler, dispunham de instruções para a sua prática, publicadas no Jornal Gazeta de Leopoldina, do compêndio: Primeira Leitura. (Gazeta de Leopoldina, Primeira Leitura, 16 de fevereiro de 1908, n.87, p.1, c. 4)

As instruções eram descritas em lições detalhadas e consistiam em

⁶ Gazeta de Leopoldina. 05 de abril de 1908, n 101, p.2, c. 1 a 5 e 09 de abril de 1908, n. 102, p.2, c. 2 e 3.

⁷ Criado pelo decreto n. 2112 de 14 de outubro de 1907, pelo presidente do Estado João Pinheiro da Silva, presidente do Estado de Minas Gerais, de 7 de setembro de 1906 a 25 de outubro de 1908, pelo PRM. Faleceu em 25 de outubro de 1911.

alfabetizar a partir de palavras. No exemplo citado, a palavra deveria ser escrita no quadro e em seguida o professor indagaria o significado da palavra, as partes componentes deste utensílio, a forma e sua utilidade, para que a partir daí, pudessem ser construídas frases onde se utilizasse a palavra escrita. Além do conhecimento da pronúncia da palavra, o aluno deveria saber sua aplicação. O exercício deveria ser realizado com as palavras FACA, RATO, SAPO, etc., conforme indicado pelo compêndio:

Façamos a primeira lição como se estivéssemos lecionando a uma classe de analfabetos no seu primeiro dia de aula. (...) Preparadas e escritas essas dez palavras, poderá o professor fazer novo exercício com as mesmas, convidando os alunos a lê-las no quadro negro. (...) Está assim preparada a primeira lição do compêndio, para o aluno ler no dia seguinte (...) (Gazeta de Leopoldina. Primeira Leitura. 16 de fevereiro de 1908, n.87, p.1, c.4)

Em relação aos livros utilizados no ensino primário, ainda que a instituição não divulgasse a lista de livros didáticos para este segmento, apresentava as obras utilizadas pelas instituições públicas de ensino primário. A relação de livros nos ofereceu indícios sobre como se dava a instrução primária, uma vez que as aulas práticas da Escola Normal eram realizadas no Grupo Escolar do município. Em 1907 e 1908, Ruy Ruas publicou em sua coluna, no Jornal Gazeta de Leopoldina, os livros indicados pelo Conselho Superior de Instrução Pública.

Os livros didáticos adotados pelos Grupos escolares eram respectivamente:

Para o 1º ano:

- Primeira Leitura, de Arthur Joviano, de Belo Horizonte;
- Livro de Hidário Ribeiro, que seguia o método intuitivo;
- Método para ensino das primeiras letras, A Cartilha Nacional e Terceiro Livro de Leitura, que formavam os primeiros rudimentos da leitura e da escrita, através de método uniforme.

Para o 2º ano:

- O amiguinho de Nhonhô ou o Primeiro Livro de Leitura, de João Kopke;
- Para o estudo da História do Brasil, o livro: História da Nossa Terra, de D. Julia Lopes de Almeida, que incentivava o patriotismo.

Para o 3º ano:

- Contos Pátrios de Olavo Bilac e Coelho Neto;
- Leitura manuscrita e lições de B.P.R.

Para o 4º ano:

- Livro de Leitura. Curso complementar, de Olavo Bilac e Bonfim e Cultura dos Campos, de Assis Brazil.

Além destas obras, outras indicações para o ensino primário foram comentadas pelo colunista: A Gramática Portuguesa, adotada nos Colégios Oficiais, de Adelia Ennes Bandeira; A leitura de J. Guibert, sobre o Caráter e a Bondade, de cunho moralizador, para ser lida para as crianças. Para o ensino de Geografia, o Compêndio de Geografia Geral do Dr. F. Pinheiro Bittencourt, criticado por abordar a teoria evolucionista para as crianças, que, segundo o redator, tinham espíritos frágeis. (Gazeta de Leopoldina. Livros. 24 de julho de 1907, p.1, c.5 e 6; 05 de setembro de 1907, n.40, p.1, c.5 e 6 e p.2, c.1, 26 de janeiro de 1908, n.81, p.1, c. 1 e 2)

As preocupações com o caráter moralizador do ensino transpunham os muros da instituição, haja vista os colunistas do Jornal Gazeta de Leopoldina apresentarem também orientações às famílias dos alunos, no que tange às questões disciplinares ou de higiene. Por exemplo, em relação ao uso da palmatória, que é criticado por simbolizar “o carrancismo feroz no mundo espiritual”, embora assegurasse maior probabilidade de êxito em relação ao método que inúmeros profissionais conferiam indiscutível autoridade. Em relação à higiene, alerta às mães sobre os mefícios de roer unhas, para as crianças. (Gazeta de Leopoldina. Grupo escolar. 05 de abril de 1908, n. 101, p.1, c.1 e 5)

Em 1911, o Programa de Ensino do Curso Normal consistia nas seguintes matérias: 1º ano: Português, Física, Música, Ginástica, Aritmética, Costura, Desenho e Caligrafia. 2º Ano: Português, Geografia, Geometria, Aritmética, Física, Química, Música, Trabalhos Manuais, Ginástica, Desenho, Costura. 3º ano: Química, História Natural, Física, Higiene, Português, Educação Moral e Cívica, Francês, Música, Ginástica, Desenho. ⁸ (Gazeta de Leopoldina, 23 de novembro de 1911, n.188, p.1, c.4; 25 de novembro de 1911, n.190, p.1, c.1 e 2)

⁸ Em 1915, são incluídas as matérias: História natural, no 1º ano; Chorografia, Caligrafia, no 2º ano; Geometria e Costura, no 3º ano. (Gazeta de Leopoldina, 27 de novembro de 1915, n. 175, p.1, c.1 a 3)



Em 1915, o Programa do Curso Normal sofreu alterações, aparecendo com quatro anos de duração e sendo a distribuição das cadeiras distintas em relação ao Programa descrito acima. No 1º ano do Curso, apareceram outras matérias para compor as cadeiras: Francês, junto ao Português, História Universal e do Brasil, Música, Caligrafia, junto ao Desenho, Ginástica e Economia Doméstica. A História Natural dissociou-se da cadeira que continha as matérias Física e Química, passando a associar-se à matéria Higiene. O curso passa a ter 4 anos, sendo que o último ano é constituído pelas seguintes matérias: Português, Pedagogia, História do Brasil e Instrução Moral e Cívica, História Natural e Higiene, Química, Cosmografia e Geometria. (Gazeta de Leopoldina, 28 de novembro de 1915, n. 176, p.1, c.1 a 5; 17 de novembro de 1915, n. 167, p.1, c. 2 e 3)

Trajetórias dos professores e alunos

A Escola Normal do Ginásio não fugiu ao modelo de ensino apresentado por Kulesza (1998), pois estava atrelada ao ensino secundário, essencialmente masculino, sendo utilizadas as mesmas instalações físicas e os mesmos professores, com exceção da professora de costura e trabalhos de agulha, que, por sua vez, era a única professora do sexo feminino da instituição.

No Curso Normal, lecionava como professor de Português: Dr. Jacques Dias Maciel; Aritmética: Afonso H. de Albuquerque; Desenho: Heraldo Pio Pimenta Bueno; História natural, física e química: Custódio Ribeiro Junqueira; escrituração mercantil: Juvenal Carneiro; costura e trabalhos de agulha: Ernestina Ribeiro; Geografia: José Botelho Reis; música: coronel Afonso de Albuquerque. (Gazeta de Leopoldina, Escola Normal, 20 a 22 de maio, 1906, p.2, c.1)

No ano de 1910, algumas normalistas, formadas pela Escola Normal do Ginásio Leopoldinense, foram incorporadas ao quadro docente, como: Adail Brandão, formado na turma de 1909, Dulce Junqueira, formada na turma de 1910, e Abgail Botelho Reis⁹, que foi aluna da primeira turma da Escola Normal, de 1907. Neste ano,

⁹ Pediu licença do cargo de professora da 7ª cadeira do Grupo Escolar de Leopoldina, sendo substituída pela normalista do Ginásio Leopoldinense, Laura Botelho, em 15 de agosto de 1911. Viajou para a Europa, retornando com Custódio Junqueira, em 05 de outubro de 1911, reassumindo sua cadeira no Grupo escolar em 01 de novembro de 1911. Irmã de José Botelho Reis. (Gazeta de Leopoldina, 15 de agosto de 1911, n.103, p.1, c.3; 01 de novembro de 1911, n.169, p.1, c.5)

a direção técnica do Ginásio estava a cargo de Jacques Dias Maciel e Tavares de Lacerda.

Em 1911, foram nomeados para trabalhar no Ginásio Leopoldinense: Elvira Moura Guimarães, como inspetora interina de alunos do Curso Normal; Gomes de Freitas, aluno chefe do curso ginásial; Gustavo Augusto Pereira Pinto, secretário do Ginásio Leopoldinense, que assumiu em 21 de abril, em substituição a Pedro Ribeiro Arantes, que foi exonerado do cargo e assumiu funções de substituto do diretor, encarregado da parte disciplinar e assumiu a regência do curso primário do Ginásio Leopoldinense, a normalista Hilda Samuel, diplomada pela instituição no ano anterior, em substituição a Adail Brandão, exonerada da cadeira, a pedido. Foi admitido ainda, Columbano Duarte, colunista do Jornal Gazeta de Leopoldina, vindo de Além Paraíba.¹⁰ (Gazeta de Leopoldina. Ginásio Leopoldinense. 21 de abril de 1911, p.1, c.4; 19 de agosto de 1911, n.107, p. 1, c.3; 03 de novembro de 1911, n.171, p.1, c.5)

Em 1916, integraram o quadro de professoras da Escola Normal, Esther Fialho dos Anjos,¹¹ que também era professora de trabalhos manuais no Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, e Bemvinda Ribeiro, irmã do capitão Domingos Ribeiro. Como auxiliares internos e da administração interna, respectivamente, passaram a trabalhar Mario Alencar e Alberto Soares Vidal, sendo este aluno da escola de Farmácia e Odontologia. (Gazeta de Leopoldina, 27 de fevereiro de 1916, n.246, p.1, c.6; 12 de março de 1916, p.2, c.1; 17 de novembro de 1915, n. 167, p.1, c.2 e 3; 15 de janeiro de 1916, n. 210, p.1, c.6; 27 de fevereiro de 1916, n.246, p.1, c.5)¹²

Todos os diretores técnicos do Ginásio Leopoldinense lecionaram anteriormente na Escola Normal ou no Curso secundário desta instituição. De acordo com o Almanack do Arrebol (1986), os diretores técnicos do Ginásio Leopoldinense e Escola Normal, durante o período analisado, foram, respectivamente, Dr. Henrique Barbosa da Cruz, de 06 de junho de 1906 a 06 de abril de 1908, o Dr. Jacques Dias Maciel, desta data a 15 de março de 1910, e o Professor José Botelho Reis, que exerceu o cargo por quase 16 anos, desta data até sua morte em 07 de fevereiro de 1926. Durante

¹⁰ Nestorio Baptista Valente aparece em notícia de 04 de novembro de 1911, do Jornal Gazeta de Leopoldina, como professor do Ginásio Leopoldinense, contudo, não foi localizada a data de sua admissão.

¹¹ Esposa de Augusto dos Anjos que após sua morte, em 1914, casou-se com o professor Columbano Duarte, também professor do Ginásio.

¹² Acadêmico do Ginásio Leopoldinense, Francisco de Faria Bastos, foi lente substituto do Ginásio Leopoldinense, em 1911.



o período em que esteve doente, assumiu a direção o fundador do Ginásio, o Dr. José Monteiro Ribeiro Junqueira, até a nomeação do vice-diretor Carlindo Alvarenga Mayrinck, em fevereiro de 1926.

Estes cargos eram utilizados pelo diretor geral José Ribeiro Junqueira como ferramenta para cooptar aliados políticos, no sentido que trata Martins Filho (2009). Por exemplo, o caso do diretor Botelho Reis, de Aiuruoca, que fortaleceu a aliança entre a Zona da Mata Mineira e o Sul de Minas Gerais. Antes de assumir a direção técnica, cargo em que permaneceu por 16 anos, havia sido secretário da instituição. Foi também professor de Física, na Escola de Farmácia, e de Pedagogia e Higiene, na Escola Normal, além de secretário da mesa de caridade de Leopoldina, tesoureiro do Ribeiro Junqueira Sport Club, redator do Jornal Gazeta de Leopoldina, juiz de Paz no distrito, e eleito vereador, em 03 de dezembro de 1922, quando também recebeu o mandato de vice-presidente e membro da comissão de finanças da Câmara Municipal. Dedicou-se também à Pedagogia, divulgando, em 02 de dezembro de 1911, sua intenção de publicar princípios pedagógicos, seguidos de comentários baseados na moderna orientação norte americana, juntamente com sua irmã Abgail Botelho Reis, que havia viajado para a Bélgica, com Custódio Junqueira, em cargo comissionado. (Almanack do Arrebol, 1986)

As diferentes trajetórias e formação dos diretores técnicos apontavam que as mudanças realizadas, ao longo dos vinte anos da instituição, indicavam o tipo de profissional que se queria formar, em momentos distintos, uma vez que cada um deles projetava, nos cursos que iam sendo criados, elementos de sua trajetória, privilegiando um tipo específico de profissional para atuar junto ao corpo docente da instituição, que por sua vez, apresentavam propostas de formação diferenciadas.

Para tomarmos o movimento dos professores e alunos, foi necessário, ir além das representações construídas pela instituição e pela sociedade, buscando perceber também a relação entre a comunidade e a instituição, a política de acesso e o sucesso do ensino e a continuidade dos egressos, a relação entre oferta e procura, a origem geográfica, econômica, social e cultural dos alunos. Pois, de acordo com Dubar (1997), a identidade profissional docente se estabelece na relação estreita com os alunos. Portanto, buscou-se analisar esta relação para além das práticas educativas e legislação.

O ementário de Leopoldina trouxe uma relação contendo alguns dados sobre o número de formandos diplomados pela Escola Normal entre 1907 e 1922: Dentre os 31 formandos diplomados, 2 atuaram em escolas particulares, 20 em escolas públicas, 2 como mestre escola, 1 exerceu outras atividades no magistério público, além de atuar como professor, e 6 deles não haviam lecionado até o ano de 1922, ano em que a Escola Normal passaria a ser administrada por uma irmandade religiosa, sendo mantida apenas a direção geral e técnica deste estabelecimento de ensino. (apud Nogueira, 2011)

Durante a Comemoração do 10º aniversário da escola normal do Ginásio Leopoldinense, o Jornal Gazeta de Leopoldina publicou dados distintos dos apresentados no ementário, em relação à expedição de diplomas às normalistas: 74 diplomas, sendo: 1, em 1907; 1, em 1908; 15, em 1909; 13, em 1910; 5, em 1912; 09, em 1913; 13, em 1914; 17, em 1915; 13, em 1916. Destes diplomados, 40 atuavam no magistério mineiro, em 1916. (Gazeta de Leopoldina, 03 de junho de 1916)

Ao compararmos estes dados com a lista publicada, em 06 de setembro de 1917, das alunas das turmas formadas, desde 1907, na Escola Normal do Ginásio Leopoldinense, encontramos novamente um resultado distinto, ou seja, 89 alunas formadas, no período correspondente aos 10 primeiros anos de funcionamento da instituição:

- 1907 – Antonietta Lacerda Guariglia (1)
- 1908 – Amanda Carneiro (1)
- 1909 – Olga Nóbrega Furtado, Waldomira Cabral Werneck, Lucas Tavares de Lacerda Filho, Leonor Ventania, Odette Tavares de Lacerda, Adail Brandão, Olivia Godinho, Maria Pagano, Maria das Dores Levasseur, Iramira Nóbrega Furtado, Emilio Ramos Pinto, Noemia da Gama Guimarães, José Marinho Amarante, Maria dos Reis Coura (14)
- 1910 – Marianna Candida Barreto, Olga Carvalho Amarante, Hilda Martinoya Samuel, Guiomar Sica, Lavinia Lima, Adouphina Gusman, Graziella de Azevedo, Laura de Faria Bastos, Dulce Junqueira Botelho, Guiomar Ferreira da Cunha, Mercedes Italia Galotti Serra, Maria Ferreira de Andrade, Laura Ribeiro de Moura (13)¹³
- 1911- Graziela Azevedo (1)
- 1912 – Rosa Amelia Tavares Baião, Floripes Augusta de Souza, Adelaide Alves, Anna de Paula Braga, Maria José Bueno Horta (5)
- 1913- Hermínia Aparecida de Lacerda, Maria da Conceição Freitas, Hercília Pereira, Olinda Matolla de Miranda, Emilia Pio, Cynira Nóbrega Furtado, Aracy de Salles Nogueira, Maria Antonio Pagano, Stella Celidonio Monteiro dos Reis Cleto (9)

¹³ Dentre as treze formandas de 1909, sete constituíam a turma de oito alunas admitidas em 19 de março de 1908, a exceção de Sylvia L. da Costa Cruz, que não aparece em nenhuma das listagens. (Gazeta de Leopoldina, 19 de março de 1908, n.96, p.1, c.3)

1914 – Marinha Soares, Esther de Carvalho, Olga de Andrade Botelho, Elisa de Carvalho, Albina Ferreira de Souza, Maria de Lourdes Lacerda, Isaura Ferrari, Cifra Lacerda, Abgail de Gouvea Lintz, Guiomar Medeiros, Alzira de Gouvea Lintz, Julieta Pio, Maria Cortes de Novaes, Juracy Spinolla dos Santos, Adalla de Lacerda Rocha, Maria Luiza Marinho. (16)

1915 – Maria da Conceição Continho de Lima, Maria da Conceição Pereira, Dinah Pereira de Freitas Teixeira, Oraide Cecília da Silva, Adalia Aversa, Judith Ferreira Valverde, Maria da Conceição Soares Vargas, Maria Rita Ferreira Netto, Maria das Neves Gama de Oliveira, Guiomar de Alvarenga Paixão, Zenith Caminha, Alda Gouvea Lintz, Guilhermina Nogueira, Dinah Lacerda de Oliveira e castro, Maria Rezende de Ferraz, Maria José Barbosa da Cruz e Maria dos Reis.

1916 – Maria da Glória Barroso Pires, Guiomar de Moraes Lima, Zilda Barbosa da Cruz, Guilhermina Rosa da Gama de Oliveira, Djanira de Magalhães Pacheco, Lyra de Araujo Porto, Maria Ferreira Alves, Aracy Lima, Amalia de Lacerda Rocha, Jenny de Souza Trant, Dulce Pinto de Almeida, Maria Aparecida Guimarães Paula (12) ¹⁴

1917 – formadas 89 normalistas (Gazeta de Leopoldina, 06 de setembro de 1917, n. 109, p. 2, c.4)

Esta lista também trouxe imprecisões, pois algumas alunas não foram inseridas nesta lista, embora tenham aparecido na imprensa, em ocasiões como formaturas, tratando-se até mesmo de uma oradora de turma, como é o caso da aluna Graziela Azeredo, que foi inserida na listagem, correspondente ao ano de 1911, pela autora. Desta listagem, foram localizadas sete normalistas, cujos nomes apareceram grifados, que atuaram nas escolas públicas de Leopoldina e região, sendo que quatro delas lecionaram no Grupo escolar do município.

Também foi possível constatar elementos sobre o perfil dos alunos da Escola Normal, na divulgação dos resultados dos primeiros exames de admissão desta instituição, que se deu em 17 de março de 1907. Nesta data, foi comunicada a aprovação e matrícula de 54 candidatos, sendo 3 matriculadas no 3º ano, vindo os alunos transferidos de outras escolas normais do estado. As aulas tiveram início em 18 de março de 1907. Das 54 matrículas ¹⁵, duas eram do sexo masculino: Lucas Tavares de Lacerda Filho e José Marinho Amaranto.

¹⁴ Em 23 de março de 1916, foi o término dos exames de época da escola Normal e obtiveram diploma de professoras Guiomar de Alvarenga Paixão, Zenith Caminha e Dinah Lacerda de Oliveira Castro, naturais de Leopoldina, Guilhermina Nogueira, do estado do Rio, Maria dos Reis, de Ubá, Maria de Rezende Ferraz, de Cataguazes, Maria José Barbosa da Cruz, de Guarará. Estes nomes, entretanto, não apareceram na lista publicada em 1917. (Gazeta de Leopoldina, 23 de março de 1916, n.264, p.1, c.3)

¹⁵ O número de matrículas divulgado no Jornal também não conferiu com o do relatório do inspetor técnico de ensino, Estevam de Oliveira, de 22 de maio de 1907, que foi de 51 matrículas. (Gazeta de Leopoldina, 01 de dezembro de 1907)

O 1º ano do Curso da Escola Normal foi dividido em duas turmas. A primeira turma era composta por 12 alunas, e a segunda turma era composta por 11 alunas. (Gazeta de Leopoldina, 01 de dezembro de 1907)

A Congregação do Ginásio se reunia ao final de cada ano, para classificar as alunas do Curso Normal, apresentando, no Jornal Gazeta de Leopoldina, em ordem decrescente, as alunas que mais se destacaram em cada matéria e aquelas que tiveram distinção total, em relação a cada um dos anos do curso Normal, além dos resultados dos exames. (Gazeta de Leopoldina, 28 de novembro de 1915, n. 176, p.1, c.1 a 5)

Outro meio de se conhecer o perfil e os nomes dos alunos do Ginásio Leopoldinense foi através dos resultados dos exames de suficiência realizados ao final do ano letivo e dos exames de admissão de novas alunas na instituição. No caso do ensino secundário, havia ainda a publicação diária dos nomes dos alunos infrequentes.

Resultados dos exames do curso normal em 1907:

Aprovados com distinção: Olivia Godinho, Maria Coura, Odette Tavares, Olga Furtado, Hermengarda do Amaral, Maria Pagano¹⁶, Carmelita Pinheiro e Maria das Dores.

Plenamente: Vera Baptista, Noemia Guimarães, Guiomar Cunha, Zelia Ramos e Julia Vargas Britto. Iramir Furtado, Stela Pineiro, Waldemira Werneck, Eliza Irach, Alzira Britto, Larura Bastos, Aracy Nogueira, Amelia Antuerpio e Izaura Jendiroba.

1º Lucas de Lacerda, José Marinho Amaranto, Leonor Ventania. (Gazeta de Leopoldina, 01 de dezembro de 1907)

Nos resultados dos exames de suficiência anuais eram apresentados além dos nomes, as notas, o nome da matéria e a data do exame, que era anunciada através de chamada de alunos na imprensa, oferecendo indícios das matérias lecionadas nos Cursos Normal e Secundário. Por exemplo, o resultado dos exames do 1º ano da escola Normal, realizados entre 15 e 27 de novembro de 1915, em Português, Francês, Aritmética, Geografia Geral, Música, Desenho e Caligrafia, Costura e Ginástica. Além dos resultados por matérias, também eram divulgados os nomes dos alunos que alcançaram lugares de distinção nos exames. Além de submetidos às bancas examinadoras, os exames realizados na Escola Normal passavam pela inspeção do inspetor técnico do

¹⁶ Nomeação interina da professora do grupo escolar Ribeiro Junqueira Maria Antonia Pagano para a cadeira vaga com a desistência da professora Noemia Guimarães. (Gazeta de Leopoldina, 03 de fevereiro de 1916, n. 225, página 1, coluna 2)

ensino,¹⁷ o qual assistia à realização das provas. Esta fiscalização se dava também nos grupos escolares, nas escolas isoladas, no curso secundário e superior, por um fiscal nomeado pelo Governo. (Gazeta de Leopoldina, 28 de novembro de 1915)

Apesar da predominância de mulheres no curso da Escola Normal, o mesmo não ocorreu no exercício do magistério, como se percebeu, por exemplo, em relação ao corpo docente do Ginásio Leopoldinense e mesmo da Escola Normal, em que somente as aulas de agulha e desenho eram ministradas por mulheres. A presença masculina se manteve também em outros setores do magistério, como demonstrou a notícia sobre os resultados dos exames de suficiência, de 21 de novembro de 1907, da 2ª cadeira do sexo masculino, regida pelo normalista Olympio Corrêa. (Gazeta de Leopoldina, 21 de novembro de 1907)

Portanto, a figura masculina ainda estava presente nas escolas de instrução secundária e nas cadeiras do sexo masculino das escolas primárias, o que vai ao encontro da pesquisa de Faria Filho et al (2005) sobre a feminização do magistério em Minas Gerais, no final do século XIX e início do século XX, a qual aponta que, neste período, apesar do crescente número de mulheres no magistério, o número de homens atuantes na profissão se manteve.

O mesmo não se pode perceber, entretanto, entre os alunos matriculados na Escola Normal, visto que o curso, que em seu primeiro ano de funcionamento era misto, percebendo-se a presença de alguns poucos homens matriculados, em 1910, assume um caráter exclusivamente feminino, seja pela matrícula apenas de mulheres, como pelo seu programa de ensino, que incluiu matérias associadas às atribuições sociais femininas, como costura e trabalhos de agulha.

Além do aumento da predominância de mulheres no Curso Normal, notou-se ainda a mudança no ensino e nas produções dos alunos, que incorporaram aspectos associados à feminilidade. No início do curso, as atividades eram menos direcionadas para atividades atribuídas exclusivamente ao sexo feminino. Os alunos eram também responsáveis por outros tipos de produções, como a composição produzida pelas duas

¹⁷ Inspectores técnicos de ensino em Leopoldina: Em 1907 e 1908, Estevam de Oliveira; em 1909, João Ferreira da Silva; em 1910, Alberto da Costa Mattos; e em 1911, Raymundo Tavares. Segundo o dec. n.1960 de 16 de dezembro de 1906, cabia aos inspetores escolares assistirem aos exames, fiscalizar estabelecimentos equiparados, examinar a escrituração dos estabelecimentos, assistir as aulas dos diversos anos, examinar cadernetas das aulas e programas de ensino, arguir melhores alunos, observar a ordem geral do estabelecimento, examinar trabalhos escritos e exames dos alunos, assiduidade dos professores, conceito do estabelecimento e dos professores. Inspectores não poderão hospedar-se com os professores públicos. (Gazeta de Leopoldina, Leis do Estado, fevereiro de 1907, p.2, c. 4 e 5).



melhores alunas do 1º ano do Curso Normal do Ginásio: Olivia Godinho e Maria das Dores, em 1907, cujo título era: *Descrição da cidade de Leopoldina*, que fazia alusão ao progresso do município de Leopoldina, divulgada depois de passar por revisão dos redatores. (Gazeta de Leopoldina, 16 de maio de 1907)

No primeiro aniversário do Ginásio Leopoldinense foi organizada uma seção literária, onde cada aluno levava sua família e, posteriormente, seria realizado um baile em parte do prédio da escola normal. O aluno Augusto Junqueira, abriu a seção literária, em nome dos colegas do Ginásio, e Antonieta Guariglia, representando as colegas da Escola Normal. Ainda neste evento, os alunos do Ginásio e Escola Normal apresentaram recitais: *Morte da águia*, de Luiz Guimarães, por Antônio Junqueira; *Eu vou recitar* – monólogo, por Maria das Dores; *Dentes de Marfim*, de Pelino Guedes; Stella Pinheiro, *O que é simpatia*, de Cassimiro de Abreu, por Aracy Nogueira; *Esmola do pobre*, de Julio Diniz, por Laura Bastos, que premiou o presidente com uma rosa. Depois, deu-se prosseguimento com o baile que durou até às 3 da manhã. (Gazeta de Leopoldina, 03 de junho de 1907)

Em 1916, no entanto, o caráter dos trabalhos realizados pelas alunas mudou: jarras, copos, bordados em toalhas, calcinhas, almofadas de veludo, flanelas, fronhas, vestidos, aventais, além de cestas, guarnições, porta retratos, porta cartões, quadros, aplicações de filó e crochê, dentre outros. Os trabalhos de agulha e artesanato realizados eram divulgados, ao final de cada ano, pelo jornal Gazeta de Leopoldina, e ficavam expostos no estabelecimento de ensino. O fundo arrecadado com as vendas dos trabalhos confeccionados pela professora e alunas era destinado à Casa de Caridade. Em 1916, Ernestina Ribeiro, professora de Trabalhos de Agulha, fez receber 100 mil reis aos cofres da Casa de Caridade, arrecadados com a venda dos trabalhos. (Gazeta de Leopoldina, 11 de março de 1916, p.1, c.2; 14 de novembro de 1915, n. 166, p.1, c. 2 a 4)

O ideal republicano e as datas representativas deste novo regime eram exaltadas e reforçadas nos discursos dos professores do Ginásio Leopoldinense, como demonstrou, por exemplo, a comemoração do dia 15 de novembro, em 1907, em que falou o ilustrado clínico Nunes Pinheiro, sobre a marcha evolutiva da ideia republicana brasileira. Jacques Maciel dissertou sobre o caráter mineiro e o futuro do estado de Minas Gerais, incitando os alunos a seguirem a honra, a dignidade e o patriotismo. (Gazeta de Leopoldina. 15 de novembro. 17 de novembro de 1907, n.61, p.1, c.3)

Outro exemplo, foi quando, no ano de 1909, ficou determinado que seria celebrado um ano de equiparação à Escola Normal da capital do Estado, não sendo comemorado festivamente o dia 07 de setembro. Em outros anos, esta data deixaria também de ser comemorada pelo Ginásio Leopoldinense, pelo mesmo motivo, ou em função do aniversário do diretor da instituição, José Ribeiro Junqueira, em 23 de agosto, mobilizando diversos setores da sociedade leopoldinense. (Gazeta de Leopoldina, 06 de setembro de 1909; Almanack do Arrebol, 1986)

Estes exemplos expressam a preferência dos dirigentes da instituição por comemorar datas representativas do regime republicano, em detrimento das que rememoravam o regime anterior.

Construção da identidade profissional

Na primeira formatura realizada pela Escola Normal do Ginásio Leopoldinense, em 1908, da normalista Antonieta Guariglia, o discurso do paraninfo Rodrigues Campos, enfatizou a diferenciação entre homens e mulheres, com bases em pesquisas científicas sobre diferenças anatômicas e cerebrais entre os sexos e em relação ao caráter sentimental das mulheres, que se distinguiu dos exercícios intelectuais a que os homens estavam entregues.

(...) Referiu a contenda levantada em torno da competência feminina, provando que a controvérsia baseada na anatomia, do predomínio da porção occipital, destinada aos sentimentos (nas mulheres), sobre a frontal, mais intelectual, poderia ser explicada, também cientificamente pelos exercícios intelectuais a que o homem preferencialmente se entrega. Ainda assim a notável influência da mulher não seria contestada, porque um escritor de nomeada universal afirma que o futuro pertence mais aos corações dos que aos espíritos. (...) (Gazeta de Leopoldina. Ginásio Leopoldinense. 16 de janeiro de 1908, n.78, p.1, c.1 a 4)

Portanto, a inserção da mulher no magistério não ocorreu de forma “natural”. A sociedade que se pretendia civilizada requeria novas maneiras de se comportar e, portanto, novos valores precisavam ser aprendidos, dentre eles: a educação moral como sinônimo de educação para as mulheres e a família e a mulher como fundamental para o funcionamento da sociedade. Tratava-se “de um feminino construído, visto serem necessários insistentes investimentos para a sua difusão e consolidação, ainda não instituído”. (Faria Filho et al, 2005, p.66)

A tentativa de construção do feminino, da mulher como dominadora do lar e que controla seus desejos, ficou explícita no poema intitulado *Ser mulher*, publicado por Columbano Duarte, aluno do Ginásio Leopoldinense, que logo ao se formar, tornou-se colunista e professor do Ginásio em 1911:

Ter sempre os olhos plenos de doçura;
Ser alegre, qual céu por onde voa a andorinha;
Nos beijos a ternura ter da irmã;
Como a noite que povoa.

O espaço grave ser, mal e tortura
De quem sofre; aplacar, por tão boa;
Ter nos braços o ninho da ventura;
Dar coragem, se, em pranto, um hino entoia.

No peito ardente rubro, sós conter
De frementes desejos; não perder
A esperança; Adorar quando é amada

E as pequeninas mãos cruzar, radiante;
No lar, em que domina, triunfante;
_ É ser mulher, é não querer ser nada...

(Gazeta de Leopoldina. Ser mulher. 12 de novembro de 1911, n.179, p.2, c.2)

Portanto, a categoria de feminização aplicada à compreensão do mundo do trabalho, não se refere apenas à presença de mulheres na escola, mas, principalmente, à associação desta instituição aos símbolos da feminilidade, que eram o matrimônio, a maternidade e o lar.

Yannoulas (2011) afirma que esta categoria apresenta definições diferenciadas que tem implicações científicas e políticas, e às quais correspondem metodologias e técnicas distintas de coleta e análise das fontes:

Um significado quantitativo que optamos por denominar de feminilização: refere-se ao aumento do peso relativo do sexo feminino na composição de uma profissão ou ocupação; sua mensuração e análise realizam-se por meio de dados estatísticos e um significado qualitativo que denominaremos feminização que alude às transformações de significado e valor social de uma profissão ou ocupação, originadas a partir da feminilização ou aumento quantitativo e vinculadas à concepção de gênero predominante em uma época. (YANNOULAS, 2011, p.271)

A feminização do magistério, portanto, foi viabilizada por concepções pautadas pela ideia de “vocação” e de determinismo biológico. Este respaldo moral e



científico apontava que as mulheres seriam mais aptas ao trabalho docente por estarem mais propensas à manutenção das relações sociais e familiares e às práticas do cuidado.

Não apenas as professoras traziam concepções de feminilidade, como a própria escola atuava ativamente na manutenção desses modelos, como demonstra o discurso de formatura do Curso Normal do Ginásio Leopoldinense da turma de 1911, proferido pelo paraninfo José Botelho Reis, também diretor técnico da instituição:

(...) Nenhum programa de educação, nenhuma atitude social poderá ser correta sem ser fundamentalmente baseada no reconhecimento de que a mulher é educada para compreender a suprema dignidade, a suprema utilidade de ser mãe. Sem que a mulher comum seja uma boa esposa e boa mãe, sem que torne seus filhos fortes de coração, de espírito e de corpo, sem que a mulher comum faça tudo isso, vão seria o brilho do genial, vã toda prosperidade material, vão os triunfos da ciência e da indústria. A mãe é a singular, a suprema base da vida racional: é ela muito mais importante que o estadista feliz, do que o industrial, o artista, o cientista bem sucedido. (...) (Gazeta de Leopoldina. Ginásio Leopoldinense. 30 de março de 1911, n.99, p.1, c.1 a 5)

Com isso, podemos afirmar que estes modelos e práticas não são apenas trazidos para a escola, como se os significados tradicionais de masculinidade e feminilidade fossem apenas reproduzidos no ambiente escolar. A escola também tem papel ativo na produção desses significados, como expressou o discurso da oradora da turma do Curso Normal do Ginásio Leopoldinense de 1911, Graziela Azevedo, ao se referir a sua nova profissão de normalista:

(...) saindo os umbrais dessa casa para os vastos cenários da vida prática, levam daqui a segurança de que acima da inteligência, cabe ao sentimento a messe mais farta de conquista nas obras da instrução e educação. Não é coisa nova dizer-se que a escola é o prolongamento da família e que o discípulo está para o mestre, assim como os filhos para os pais. (...) a missão capital do mestre na escola é a educação do sentimento. (...) Importa (...) fazer prosseguir o espírito incipiente da criança na vereda já desbravada pelos carinhos e pelos exemplos do lar (...) o mestre aparece na sociedade exercendo os mais dignos dos sacerdócios. (...) (Gazeta de Leopoldina. Ginásio Leopoldinense. 30 de março de 1911, n.99, p.1, c.1 a 5)

De acordo com Dubar, é apenas através da atividade com outros, que “as identificações que o indivíduo recebe se justificarão e mostrarão seus motivos. Nestas situações ele poderá recusar ou aceitar a maneira como é identificado”. (apud Soares, 2014, p.18)

Nesse sentido, para refletirmos sobre as condições e circunstâncias que fizeram com que as mulheres ocupassem as salas de aula, é importante pensar que essa história permeia a questão de gênero, procurando explicar as maneiras com que homens e mulheres formam sua subjetividade, sendo que no interior desses discursos são construídas suas práticas sociais, capazes de intervir nas formas de representações que lhe são impostas. (Nogueira e Schelbauer, 2007)

Para Nóvoa, o ensino normal constituiu um dos lugares privilegiados de configuração da profissão docente, na medida em que se buscou produzir um saber socialmente legitimado sobre as questões do ensino e delimitar um poder regulador sobre o professorado. Por outro lado: “A inflação retórica sobre a missão dos professores lhes deu maior visibilidade social, reforçando seu prestígio, mas também o controle estatal e científico, acarretando maior desvalorização de suas competências e autonomia profissional. Contradições que atravessaram a história da profissão docente”. (Nóvoa, 2009, s/p)

Considerações finais

Se considerarmos as diferenças de acesso entre mulheres e homens aos diferentes níveis de escolarização primária e secundária, poderemos perceber seu caráter era essencialmente masculino. Não podemos desconsiderar ainda o fato de que o corpo docente da Escola Normal do Ginásio Leopoldinense, nos primórdios de sua criação, era constituído basicamente por homens. Isto porque, como foi visto, a Escola Normal era anexa à instituição do ensino secundário, aproveitando o corpo docente deste nível de ensino. Apesar disso, no caso analisado, a criação da Escola Normal precedeu a do Curso secundário, embora a inauguração de ambas as instituições tenha se dado na mesma data. Tratando-se, portanto, de um projeto educativo, onde havia preocupação tanto com a formação das elites dirigentes quanto dos professores primários através de um ideário republicano e ao mesmo tempo, preocupado com a manutenção da economia agrícola.

Não se pode desconsiderar, também que, antes da formação das primeiras normalistas, que passariam a atuar como docentes da Escola Normal e escolas públicas primárias, as escolas normais formavam professoras sob uma perspectiva de ensino e um corpo docente exclusivamente masculino, em geral homens cuja formação não era o

magistério, mas advogados, médicos e engenheiros. O que demonstrou que, apesar das oportunidades profissionais oferecidas aos homens, eles tinham na atividade docente um meio de intervir na sociedade e geralmente esta atividade se dava com um caráter complementar e não como única fonte de renda, como no caso das mulheres.

Além deste aspecto, cabe considerar o papel desta instituição na cooptação de aliados políticos, fortalecendo a aliança entre zona da mata e sul de Minas Gerais, contribuindo assim para a manutenção da política do café com leite que prevaleceu durante a Primeira República.

Referências bibliográficas

ALMANACK DO ARREBOL. Edição comemorativa dos 80 anos do Ginásio Leopoldinense. Leopoldina: Arte & Cultura. ano 3, jun, 1986.

BIRCHAL, Sérgio de Oliveira. O empresário brasileiro: um estudo comparativo. In: *Revista de Economia Política*. v.18, n.3 (71), jul/set, 1998.

DUBAR, Claude. *A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora, 1997.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de ET AL. A história da feminização do magistério no Brasil: balanço e perspectivas de pesquisa. In: PEIXOTO, Ana Maria Casassanta. *A escola e seus atores: educação e profissão docente*. BH: Autêntica, 2005.

GAZETA DE LEOPOLDINA. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/jornais/brtacervo.php?cid=7966>. Acesso em: 15 de março de 2015.

KULESZA, Wojciech Andrzej. A institucionalização da Escola Normal no Brasil (1870-1910). In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 79, n. 193, p. 63-71, set./dez, 1998.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. A história das instituições educacionais em perspectiva. GATTI JR, Décio, FILHO, Geraldo Ignácio. (org). In: *História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas: Autores associados; Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 90-103.

_____. *Tecendo nexos: História das instituições educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. 2004.

MARTINS FILHO, Amilcar Vianna. *O segredo de Minas: a origem do estilo mineiro de fazer política (1889-1930)*. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.



NOGUEIRA, Juliana Keller e SCHELBAUER, Anaete Regina. Feminização do magistério no Brasil: O que relatam os pareceres do primeiro congresso da instrução do Rio de Janeiro. *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas, n.27, p.78 –94, set. 2007. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/27/art07_27.pdf. Acesso em 04/07/13

NOGUEIRA, Natania Aparecida. *Leopoldina: instrução, mito político e formação das elites na Zona da Mata mineira (1895- 1930)*. Ed. do autor, 2011.

NÓVOA, Antonio. Para uma análise das instituições escolares. In: *Alexandre Ventura*, 1999. p.1-8

_____. *Professores: Imagens do futuro presente*. Lisboa: EDUCA. 2009

SOARES, Jefferson da Costa. *Dos professores “estranhos” aos catedráticos: Aspectos da construção da identidade profissional docente no Colégio Pedro II (1925 - 1945)*. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Departamento de Educação, 2014.

YANNOULAS, Silvia. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. *Temporalis*. Brasília (DF), ano 11, n.22, p.271-292, jul./dez. 2011.